

CONTRIBUIÇÕES DOS ASPECTOS NÃO-VERBAIS E VERBAIS AO DISCURSO DE SALA DE AULA

Maria Francisca Oliveira Santos
Universidade Federal de Alagoas

RESUMO: Considerando que a conceituação dos signos não-verbais e verbais segue um continuum, este trabalho centra-se na análise das contribuições dadas pela cinésica (sobretudo em relação aos gestos) e pela proxêmica (distância mantida entre os interlocutores) aos estudos interativos do discurso de sala de aula. Entendemos que a ausência desses elementos em estudo pode dificultar a compreensão dos sentidos transmitidos aos ouvintes, bem como não permitir que haja fácil acesso aos sinais lingüísticos dispostos em sua memória discursiva. O corpus é constituído por aulas filmadas em 6ª. série do ensino fundamental em uma escola pública e em outra particular da cidade de Maceió-Alagoas.

PALAVRAS-CHAVE: Proxêmica; signos não-verbais e verbais; cinésica; interação.

ABSTRACT: Considering that the concept of verbal and non-verbal signs, this paper analyses the contributions given by the Kinesics (mainly in relation to the gestures) and by the proxemics (space between the speakers) to the studies on discourse interaction in the classroom. We understand that the absence of verbal and non-verbal signs may complicate the comprehension of the meanings transmitted to the listeners, impeding easy access to the linguist signals in their discursive memory. The data come from a corpus consisted of classes filmed in the 6st grade of the elementary school in both a public and a private school, in Maceió, State of Alagoas.

KEY WORDS: Proxemics; no verbal and verbal signs; kinesics; interaction

1. Considerações acerca da comunicação verbal e não-verbal

A comunicação é considerada uma atividade humana bastante conhecida, sendo, no entanto, pouco definida de maneira satisfatória por muitos teóricos. Isso se dá pelo fato de penetrar em várias áreas do conhecimento, propiciando o surgimento de uma visão multidisciplinar. Para Rector & Trinta (1999, p. 8), *comunicar é manifestar uma presença na esfera da vida social. É estar-no-mundo-junto-com-outros*. Seja qual for a definição adotada para comunicação, sabemos que, quando nos comunicamos, assim o fazemos, com o objetivo principal de transmitir mensagens, que se constituem unidades do processo comunicativo. Essas mensagens podem ser comunicadas pelo uso de códigos, que têm suporte físico de maneira diversa, representado tanto pela palavra *fora* pronunciada pelo juiz para expulsão de um jogador de campo, até o erguer dos braços para indicar, no mesmo campo discursivo, o término da partida.

Para Cosnier et Brossard (1984), comunicação não-verbal e verbal merecem um ponto de destaque, uma vez que antes a linguagem só era vista como um sistema arbitrário de comunicação, permitindo transmitir representações a outrem, sendo valorizada apenas em sua realização acústica. No entanto, na época contemporânea, a comunicação multicanal tem sido requerida por etnólogos, antropólogos, sociólogos, psiquiatras, dentre outras especificidades, o que prova a sua plurifuncionalidade, evidenciando assim laços com o não-verbal.

A comunicação não-verbal é assim nomeada para denominar todos os modos, com os quais a comunicação se realiza entre as pessoas, estando em presença uma das outras, com a recorrência a outros meios que não as palavras (Kendon, 1981: 3). Para E. Goffman, essa linha de estudo é designada como *interação comunicativa face a face* e, para Rector & Trinta (1999), *comportamento não-verbal*. O que admitimos, pois, é que os elementos não-verbais em quaisquer tipos de comunicação social são responsáveis pela maior parte das mensagens enviadas e recebidas, tendo os seguintes recursos para o uso dos falantes: a) a *paralinguagem*, que é representada por sons emitidos pelo aparelho fonador, mas que, no entanto, não fazem parte do sistema sonoro da língua usada; b) a *cinésica*, que se refere ao movimento do corpo, como os gestos, a postura, a expressão facial, o olhar e o riso; c) a *proxêmica*, que se efetiva pela distância mantida entre os interlocutores; d) a *tacésica*, que se concretiza pelo uso de toques na interação humana; e e) o *silêncio*, que se explica pela ausência de construções lingüística e de recursos provindos da paralinguagem (Steinberg, 1988).

Os signos verbais e não-verbais, para Ekman e Friesen (1969), podem ser codificados de diversas maneiras, devendo sua conceituação seguir um *continuum*, assim denominado: codificação intrínseca, icônica e arbitrária. Para entendermos essas denominações, é preciso ter em mente os seguintes pontos: a) é possível identificar comportamentos que possam estar entre duas dessas conceituações, não sendo, pois, um *continuum* de categorias distintas; b) há exceções, uma vez que é comum destinar o comportamento verbal à codificação arbitrária e o não-verbal à intrínseca e à icônica e c) é admissível a proximidade do código ao seu referente como traço distintivo primário entre os três tipos de codificação.

Assim, na codificação arbitrária, inexistente semelhança entre código e referente. A maioria das palavras é arbitrariamente codificada com o uso de letras que em nada se assemelham às coisas a que se referem, o que já não ocorre com relação às palavras onomatopéicas, como *zumbir* e *zunzum* que carregam aspectos dos sons que procuram descrever. Alguns signos não-verbais parecem ser codificados arbitrariamente, a exemplo dos acenos de mão feitos durante uma cena de adeus, que parecem não retratar fielmente a atividade de partida. A codificação icônica se caracteriza por manter alguns aspectos do referente, isto é, há alguma semelhança entre o código e o referente, podendo ser exemplificada com o contorno de um violão no ar para simbolizar as formas de uma mulher. Enfim, a codificação intrínseca é a que revela menor distância entre o código e o referente, como apontar ou aproximar-se de alguém que só significam o que realmente representam.

Pelo fato de os elementos não-verbais constituírem vasto campo de estudo, deter-nos-emos especificamente em observações relativas à proxêmica (distância) e cinésica (gestos), esperando que as contribuições desses elementos associados aos verbais nos permitam fazer uma leitura da interação discursiva em aulas da 6^a. série do ensino fundamental.

2. A análise da conversação e os verbais e os não-verbais

Segundo Marcuschi (1986), a Análise da Conversação surgiu na década de 60, seguindo a linha da Etnometodologia e da Antropologia Cognitiva, tendo como objetivo principal, até meados dos anos 70, a descrição das estruturas conversacionais, além de seus mecanismos organizadores. Hoje, dados outros aspectos, como expressões faciais, entonações específicas, sorrisos, gestos, olhares, dentre outros, que entram na construção do sentido do enunciado lingüístico, por ocasião das negociações interativas, os estudos

conversacionais não apenas se detêm na análise das estruturas, mas também na sua interpretação. A propriedade básica da conversação é a interação, que tem como elementos constitutivos a negociação, a cooperação, a compreensão e a interpretação, diferenciando-se da conversação em si, que é uma atividade de fala na forma dialogada, cujos elementos podem ser os turnos, as trocas, as seqüências, dentre outras categorias.

Quanto à tipologia das conversações, podemos dizer que há dois tipos principais de conversação: a) conversações casuais, que podem ser exemplificadas por encontros de amigos num bar, na rua, no ônibus; encontros em casa, com maior intimidade ou telefonemas pessoais e b) conversações em contextos institucionais em que os falantes têm papéis previamente definidos, em espaços como a sala de aula, o consultório, o tribunal, dentre outros. Há em relação a esses tipos conversacionais a aplicação dos conceitos de simetria e assimetria, estando o primeiro voltado à igualdade dos papéis dos falantes na interação; o segundo à desigualdade. O objeto de estudo deste trabalho está centrado na análise dos verbais e não-verbais que constituem a interação em sala de aula.

3) Verbais e não-verbais: gestos (cinésica) e distância (proxêmica)

Para a análise dos verbais e não-verbais na interação de sala de aula, deter-nos-emos na observação dos seguintes itens:

3.1. O comportamento não-verbal pode perfeitamente repetir, contradizer, substituir, complementar, acentuar ou regular o comportamento verbal (Knapp & Hall, 1999, p. 30). Para o entendimento dessa assertiva, é de fundamental importância explicar as categorias desse processo, assim designadas: a) *repetição*, que consiste em repetir o que foi dito verbalmente; b) *contradição*, que contradiz o comportamento verbal; c) *substituição*, que consiste em substituir as mensagens verbais por comportamento não-verbais; d) *complementação*, que se efetiva por operar modificação ou aprimoramento nas mensagens verbais, o que faz com que as mensagens sejam mais bem compreendidas; e) *acentuação*, que consiste em acentuar partes da mensagem verbal pelo comportamento não-verbal; e f) *regulação*, que se explica porque os comportamentos não-verbais estão intimamente relacionados ao processo de simetria conversacional, de tal sorte podendo contribuir para uma regular troca de turnos entre os que interagem. Esses comportamentos são usados para regular o fluxo verbal entre os interlocutores.

3.2 Para Argyle (1988), os signos verbais e não-verbais exercem funções que podem ser agrupadas em quatro tipos: a) *função semântica*, que se explica pelo fato de os signos não-verbais poderem substituir, explicar, contradizer ou modular a mensagem verbal. Compreende, pois, o relacionamento que existe entre o signo não-verbal e verbal; b) *função sintática*, que é assim denominada por referir-se ao relacionamento entre os signos, a exemplo do uso dos não-verbais para segmentar as unidades interativas; c) *função pragmática*, que se caracteriza por indicar características ou estados pertencentes a seus usuários ou interagentes. Assim entendendo, os signos não-verbais não somente podem fornecer informações relativas às características relativas ao sexo e à idade, a aspectos da personalidade do grupo social e das atitudes dos interagentes, mas também podem mostrar as reações às falas do outro; e f) *função dialogal*, que se estabelece pela maneira como os interagentes coordenam suas ações, podendo esse movimento regular os momentos de falar ou concentrar-se em um tipo de relacionamento interativo.

3.3. Os gestos do discurso de sala de aula do ensino fundamental são relacionados à fala, indicando, muitas vezes, o relacionamento do falante (a professora) com o referente, a ênfase de palavras ou unidades maiores de expressão e a organização do diálogo nos diversos momentos interativos desse espaço discursivo.

3.4. A distância tem importância na comunicação humana, pois tanto pode regular a interação como pode propiciar o surgimento do conflito social. É a proxêmica que estuda o uso do espaço na comunicação humana. Para Hall (1977), o nosso território íntimo admite quatro áreas: a) *a distância íntima*, caracterizada pelo envolvimento físico de ambos os participantes, justificado pela proximidade e pelo contato dos corpos; b) *a distância pessoal*, explicada por haver certa intimidade para o cumprimento formal ou a proximidade social em eventos; c) *a distância social*, entendida como aquela em que há gradações, aparecendo em transações comerciais ou encontros com pessoas importantes; e d) *a distância pública*, vista como aquela que acontece em comícios e conferências, pelo fato de o registro da língua ser formal e a voz ser lenta e pausada. No espaço de sala de aula em análise, o professor circula entre a pessoal e a íntima para o exercício das suas funções interativas.

4. Os gestos e a distância no discurso de sala de aula: uma amostragem

No fragmento a seguir, fizemos uma análise das contribuições dadas pelos elementos verbais e não-verbais em aulas de ciência do ensino fundamental.

L2 - perai professora ...

L3 - pronto ...

L1 - pronto ? pode: mas ... continuar ? ((percebemos neste turno de fala uma grande simultaneidade de vozes, enquanto L1 permanece em pé e em silêncio próxima ao birô; em seguida ela olha para o relógio e dá um passo até o centro da sala decidida a continuar sua explanação dando um fim neste tumulto.)) então a gente parou na reprodução: das bactérias ... nós vimos que elas podem ser reproduzidas de quantas formas ?

L2 L3 L4 - em duas

L1 - com duas tanto assexuadamente como sexuadamente né ? ((L1 escreve no quadro neste momento.)) então a primeira forma assexuada ... a:ssexuada ... o A na frente quer dizer NÃO ... então não há participação dos gametas ... nesse tipo de reprodução ... há participação apenas de um só indivÍDUO e ele mesmo né ? se reproduz e forma dois novos seres ... sem haver participação das células sexuadas/.../ preste atenção vocês duas ... ((neste momento L1 repreende duas alunas que conversavam sem prestar atenção à aula.)) ... sem haver participação das células sexuadas que são os gametas masculino e feminino ... as bactérias se reproduzem ... de forma assexuada por BIPARTIÇÃO ou divisão biNÁria ... então BI:parti:ção ... BI: ... já tá dizendo dois ... ou divisão binária ... o que será que significa isso? divisão binária? hem ... gente ? o que é divisão binária ? ((há neste momento um silêncio geral, em que L1 olha para todos à espera de uma resposta e coça o pulso esquerdo.)) divisão BI::nária ... significa ... eu tô dizendo pra vocês que as bactérias se reproduzem de forma a:ssexuada através da bipartição ou: divisão binária ... o quê qui significa essa divisão binária ?

L2[()

L1 - dividir em dois ... BI:ná:ria em dois ... em duas unidades ... em dois novos seres ... como é que isso acontece ? vamu ver ... eu tenho a bactéria ((L1 desenha a figura desta no quadro)) ... vamu imaginar que isso aqui é uma bactéria ... e ela vai se: reproduzir através da bipartição e divisão bi[...] binária ... antes dela se dividir em duas o que é que ELA FAZ para garantir/.../ a gente já viu isso/.../ pra garantir que as duas novas bactérias sejam exatamente iguais a ela ?

L4 - multiplicar ...

L1 - quase isso ... ((a professora faz um movimento de mais ou menos com a mão direita para que L4 perceba que sua resposta está aproximando-se da resposta correta.)) ... não é multiplicar ... que é qui ela faz ?

[Fragmento retirado de um *corpus* com aulas de ciências da 6^a. série do projeto de pesquisa intitulado “A importância dos elementos não-verbais e verbais no discurso de sala de aula do ensino fundamental”, provado pelo PIBIC, p. 33-4]

A análise dos verbais e não-verbais no discurso de sala de aula nos permite entender que a conjunção desses elementos auxilia na interpretação do tópico discursivo desenvolvido pelo professor, que, nesse ambiente de estudo, procura interagir com os seus interlocutores (alunos). O que acontece, neste fragmento de aula de ciências, é que a professora, em meio a uma simultaneidade de vozes, posiciona-se em um lugar da sala, colocando-se em frente à turma, sem pronunciar qualquer palavra, com o principal propósito de solicitar a aquiescência dos seus alunos para continuar a aula. A seguir, deslocando-se do lugar onde estava, a professora caminha em direção ao centro da sala (lugar onde sua presença ganha mais poder) para continuar a sua exposição. Assim, a distância entre professora e alunos, neste contexto de aula, é de caráter pessoal e social, pelo fato de ela, em algum momento, aproximar-se dos alunos e, em outro, deles permanecer distante para a explicação da temática programada. Esses tipos de distância fazem surgir um ambiente propício à interação pelo fato de permitir o surgimento da negociação em relação ao tópico discursivo.

Os elementos não-verbais representados pelos gestos aparecem logo no primeiro momento da explicação, quando a professora diz *reprodução: das bactérias*, uma vez que gesticula com uma das mãos enquanto a outra segura o giz (gestos detectados das fitas gravadas em VHS). A professora prossegue a aula sempre associando à sua fala gestos que complementam ou ratificam as suas assertivas. Esses gestos são explicados pelo posicionamento das palmas de suas mãos, que, em um momento, estão voltadas para baixo indicando certeza; em outro, estão para fora e direcionadas para o ouvinte, traduzindo as suas afirmações; em outro ainda, essas palmas estão direcionadas à própria professora, abrangendo o conceito da reprodução das bactérias. A presença dos gestos se evidencia sobretudo no momento em que a professora explica a divisão binária, porque, ao enunciar *bipartição ou divisão binária*, ela repetidamente mostra os dois dedos, acentuando ou regulando o que está sendo dito verbalmente.

Outra ação gestual aparece ainda quando a professora faz o desenho da bactéria no quadro-verde, codificando de maneira icônica a célula para melhor entendimento e visualização por parte dos seus alunos. É o momento durante o qual, ao desenhar a referida célula, a professora faz o gesto de apontar com o dedo em cima do desenho, ao tempo em que enuncia *isso aqui é uma bactéria*. Esse tipo de gesto está ligado ao referente, sendo utilizado enquanto falamos, para caracterizar o conteúdo de nosso discurso. Isso é ratificado por Knapp & Hall (1999, p. 203), ao enunciarem: *movimentos de apontar, por exemplo, podem ajudar a indicar uma pessoa ou um objeto específico que esteja sendo discutido. Os gestos que desenharam a forma ou o movimento do referente [...] podem ser usados para ajudar um ouvinte a visualizar traços associados a referentes concretos*. Observamos ainda, no fragmento em estudo, que a professora, ao enunciar *quase isso*, sua mão direita oscila de um lado para o outro, mantendo uma função dialogal com um de seus alunos, a fim de que ele perceba que sua resposta aproxima-se da correta. Essa gesticulação feita pela professora com a mão faz amenizar a idéia de erro que possa ser sentida pela aluna, uma vez que a primeira permite que a segunda se sinta voltada a reiniciar o processo de aprendizagem.

O fragmento analisado nos mostra, em primeiro plano, que os gestos (objeto de estudo da cinésica) têm como função principal, além de outras, manter a interação em sala de aula pelo fato de poderem complementar ou substituir os elementos verbais, devendo seguir um *continuum* na sua conceituação (Ekman e Friesen, 1969). Em segundo plano, observamos que a distância (a proxêmica interessa-se por essa categoria não-verbal), caracterizada como pessoal e social, mostra o relacionamento entre professor e alunos no espaço interlocutivo de sala de aula. Disso podemos inferir que os não-verbais (gestos e distância) trazem contribuições específicas ao ensino-aprendizagem de sala de aula, admitindo como o fazem Knapp & Hall (1999, p. 28): *a comunicação verbal e não verbal são inseparáveis e, portanto, devem ser tratadas como uma unidade.*

5. Considerações finais

Na época contemporânea, linhas de estudo seguidas por antropólogos, sociólogos, comunicólogos, psicólogos, psiquiatras, professores, dentre outras, têm observado, com mais acuidade, os efeitos requeridos por um conceito plurifuncional da comunicação. Isso, de fato, vitaliza os estudos dos elementos verbais e não-verbais em qualquer espaço interlocutivo, o que justifica a importância da contribuição dada por esses elementos em contexto escolar.

A análise em foco ratificou a idéia acima referida, no sentido de observar que os gestos (um dos elementos de estudo da cinésica), em qualquer das suas especificidades: independentes da fala e relacionados à fala, promovem e acentuam a função dos que interagem no discurso de sala de aula. Por outro lado, a distância (elemento de estudo da proxêmica) entre os interlocutores também muito contribui para que se tenha não somente uma leitura dos relacionamentos entre as pessoas, mas também um indicativo da relação social do homem com o espaço que o cerca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGYLE, M. *Bodily communication*. Londres : Methuen, 1988.
- COSNIER, J. et BROSSARD, D. Communication non verbal: co-texte ou contexte? In: COSNIER, J. et BROSSARD, A. (orgs.). *Textes de base en Psychologie; la communication non verbal*. Paris : Delachaux et Niestlé, 1984.
- EKMAN, P. & FRIESEN, W. V. *The repertoire of nonverbal behavior: categories, origins, usage, and coding*. *Semiótica*, 1, 49-98.
- HALL, E. T. *A dimensão oculta*. [Trad. de Sônia Coutinho]. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
- KENDON, A. *Nonverbal communication, interaction and gesture*. The Hague : Mouton, 1981.
- KNNAPP, Mark L. & HALL, Judith A. *Comunicação não verbal na interação humana*. [Trad. Mary Amazonas Leite de Barros]. São Paulo : JSN, 1999.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Análise da conversação*. São Paulo : Ática, 1986.
- RECTOR, Mônica & TRINTA, Aluizio Ramos. *Comunicação do corpo*. São Paulo : Ática, 1999.
- STEINBERG, M. *Os elementos não-verbais da conversação*. São Paulo : Atual, 1988.